

Atlas Linguístico do Brasil: A Palatal / ʎ / nos Estados do Amapá e Pará

LINGUISTIC ATLAS OF BRAZIL PROJECT (ALiB): THE PALATAL PHONEME
/ ʎ / IN AMAPÁ AND PARÁ

Abdelhak **RAZKY** *

Maria Eneida Pires **FERNANDES** **

Resumo: Este estudo aborda a variação do fonema palatal /ʎ/ em sete cidades do estado do Pará e duas do estado do Amapá, localidades que constituem pontos de inquérito do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) – Região Norte. A metodologia baseia-se na Sociolinguística Variacionista e no método Geolinguístico. O *corpus* analisado é composto de 915 dados extraídos da fala urbana de 44 informantes, estratificados socialmente em idade, sexo, escolaridade, localidade e estado; consideraram-se também critérios linguísticos que podem condicionar a variação de /ʎ/. Os resultados apontam o uso quase categórico da variante lateral palatal /ʎ/ nas cidades pesquisadas.

Palavras-chave: Palatal; Variação fonética; Sociolinguística; Geolinguística.

Abstract: This paper deals with the variation of the palatal phoneme /ʎ/ in seven cities of the state of the Pará and two of the state of Amapá. They are part of the geographic points of inquiry of the Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB) – Northern Region. The methodology is based on both Sociolinguistic and on Geolinguistic perspectives. The corpus is composed of 915 data from the speech

* Doutorado em Linguística (1992) e pós-doutorado (2003) na Université de Toulouse Le Mirail. Contato: razky@ufpa.br.

** Especialização em língua portuguesa pela Universidade Federal do Pará (1989). Atualmente é professora da Universidade Federal do Pará. Contato: maneipir@ufpa.br.

of 44 informants following a social stratification in age, sex, schooling, and geographic space (Amapá and Pará). Linguistic factors are also taken into consideration for the overall analysis of /ʎ/. The preliminary results point to the almost categorical use of the lateral palatal variant /ʎ/ in both states.

Key-words: Palatal variable; Phonetic variation; Sociolinguistics; Geolinguistics.

1 Introdução

O presente estudo, vinculado ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), tem como objetivo descrever e analisar a realização variável do fonema palatal /ʎ/ a partir dos dados de fala urbana das cidades de Almeirim, Altamira, Belém, Bragança, Jacareacanga, Marabá e Soure no estado do Pará; Macapá e Oiapoque no estado do Amapá. Essas localidades constituem pontos de inquérito do Projeto ALiB (Regional Norte). A amostra usada, portanto, integra o *corpus* do mencionado Projeto, cujo objetivo geral consiste em descrever e mapear a realidade linguística do Brasil.

É de nosso conhecimento que alguns fonemas da língua portuguesa oferecem maior possibilidade de variação. A palatal /ʎ/ é um desses fonemas que apresenta comportamento variável, conforme observamos na leitura das cartas de 9 (nove) atlas linguísticos publicados no Brasil¹ que mostram o referido fonema ora realizado como lateral palatal [ʎ] – considerado socialmente como variante de prestígio –; ora como lateral palatal seguida de semivogal [ʎj]; semivocalizado ou iotizado [j]; realizado como lateral alveolar palatalizada [ʎʲ]; lateral alveolar [ʎ]; ou zero fonético [∅]. Constatou-se que a variação do fonema em estudo se dá por condicionamentos linguísticos, sociais e geográficos.

¹ Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG), Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB), Atlas Linguístico de Sergipe (ALS I e ALS II), Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA), Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS).

Outras pesquisas realizadas no Brasil sobre a referida variável também mostram realizações como as que se encontram registradas nos atlas linguísticos pesquisados.

O estudo de Caruso (1983), com base nos inquéritos preliminares do APFB, mostrou tendência à não iotização (91% de frequência), mesmo em área rural, e em território baiano, que tem sido revelado em alguns estudos como área iotizada.

Aguilera (1988) ressalta a presença da variante [ʎ] em 7 (sete) formas, selecionadas para estudo, a partir do Atlas Linguístico do Paraná (ALPR); menciona também a presença das variantes [j] e [ø], encontradas mais nas áreas rurais.

Aragão (1996), ao estudar a *despalatalização e iotização no falar de Fortaleza*, amostra obtida pelo projeto “Dialeto Sociais Cearense”, apresenta os seguintes resultados sobre as realizações da lateral palatal nos contextos linguísticos selecionados: 1) permanência do /ʎ/ em sílaba medial e final de vocábulo: “milho” [ˈmiʎu], “melhora” [miˈʎɔra], “brincalhona” [brĩkaˈʎona]; 2) iotização do /ʎ/ em sílaba medial e final de vocábulo: “filho” [ˈfiʎu > ˈfiy], “milha” [ˈmiʎa > ˈmiya], “trabalhador” [trabayaˈdo]; 3) despalatalização simples [ʎ > l]: “mulher” [muˈʎɛ > muˈlɛ]; 4) não houve ocorrência de apagamento [ø] de /ʎ/ nesse *corpus*.

Em 2006, Aragão retoma o estudo da variação de natureza palatal no português do Brasil. Ela trata novamente de questões relativas à *despalatalização, iotização e apagamento* de /ʎ/ e /ɲ/, usando uma amostra do Projeto ALiB. A autora apresenta três realizações do fonema /ʎ/, como segue: 1) *Iotização de /ʎ/* em sílabas medial e final, como nos exemplos “filho” [ˈfiʎu > ˈfiy]; “velha” [ˈvɛʎa > ˈvɛya]; 2) *Permanência da palatal /ʎ/* como em “milho” [ˈmʎu]; “atalho” [aˈtaʎu]; 3) *despalatalização simples* [ʎ > l], como em [muˈʎɛh > muˈlɛ].

Brandão (2006) estuda a variável <ʎ> a partir de 21 cartas e um total de 510 dados dos atlas: APFB, ALPB, ALSE (v. I) e EALMG. O resultado aponta predominância da variante iotizada [j] 53% e 272 dados, seguida da palatal [ʎ], 35% e 176 dados; o cancelamento [ø] obteve 10% e 52 dados, a lateral alveolar palatalizada [ʎʰ], 2% e 9 dados e a lateral alveolar obteve 1% dos dados.

Brandão (2006) analisa a variável <ʎ> no falar popular de treze comunidades pesqueiras do estado do Rio de Janeiro. Os resultados

mostraram alta ocorrência da lateral palatal com 72% e 2.515 realizações, contra a semivogal e a lateral alveolar, que atingem, respectivamente, o mesmo índice de 5%. Esse resultado surpreendeu porque os 78 informantes são todos do sexo masculino, analfabetos ou com, no máximo, 4 anos de escolaridade.

As pesquisas de Nunes (2006) e Soares (2002; 2008), realizadas no norte do país, apontam a dimensão variável de <ʎ>, registrando realizações como palatal lateral [ʎ], palatal seguida de semivogal [ʎj], lateral alveolar palatalizada [ʎʲ], semivocalizada [j], – variantes que mais polarizam com a variante palatal [ʎ].

Nossa pesquisa retoma a descrição da variável <ʎ>, desta feita considerando uma parcela significativa da região Norte, mais precisamente os estados do Amapá e do Pará.

2 Metodologia

A metodologia utilizada neste estudo ² segue os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1972) e da Geografia Linguística no âmbito do Projeto ALiB (CARDOSO, 2006).

A amostra que sustenta a análise foi obtida por meio dos Questionários fonético-fonológico (QFF), semântico-lexical (QSL), morfossintático (QMS) e discurso semidirigido elaborados pelo Comitê Nacional do referido Projeto e aplicados por equipes regionais vinculadas ao ALiB. Foram entrevistados 44 informantes, nascidos e residentes na zona urbana das nove cidades já citadas nos estados do Amapá e do Pará.

Esses informantes são estratificados socialmente em sexo (homem/mulher), idade (18–30 anos/ 50–65 anos) e escolaridade (fundamental incompleto – em todas as cidades pesquisadas, e superior completo – apenas nas capitais), e geograficamente por meio dos fatores capital/não capital.

A descrição e a análise dos dados foram feitas a partir dos resultados estatísticos evidenciados pelo conjunto de programas

² Este estudo integra-se a uma pesquisa maior em nível de Dissertação de mestrado.

VARBRUL, que apresenta o desempenho de cada fator por meio de pesos relativos.³

2.1 Sobre as variáveis

Entende-se por variável linguística um conjunto de variantes ou diversas formas alternativas de se dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade. A concepção de variável dependente diz respeito ao fato de o emprego das variantes não ser aleatório, mas previsível ou influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural (MOLLICA; BRAGA, 2003).

2.1.1 Variável dependente

Nas nove localidades investigadas foram registradas quatro variantes fonéticas da variável <ɫ>: lateral palatal [ɫ]; semivocalização (ou iotização: [j]); apagamento (zero fonético: [∅]) e palatal seguida de semivogal sobreposta: [ɫʲ]. Por ter apresentado pouca produtividade, preferimos codificar esta última variante como lateral palatal. Um exemplo dessa ocorrência encontra-se na resposta ao questionário fonético-fonológico (QFF) 142, em que o informante (INF) realizou: “Barguilhia” [baɦ'giɫʲɐ].

Variantes	Exemplos
Palatal lateral [ɫ]	INF. Barguilha, né? [baɦ'giɫʲɐ]
Semivocalização ou iotização [j]	INF. Zanoia. [zã'nojʲɐ]
Zero fonético [∅]	INF. – Greá ['gɾɛɐ]
Palatal seguida de semivogal [ɫʲ]	INF. – Barguilhia [baɦ'giɫʲɐ]

Quadro 1 – Variável Dependente

³ Mostra a aplicação da regra variável que ocorre em função dos dados.

2.1.2 Variáveis independentes

Nesta análise, foi considerado um total de doze grupos de fatores; excetuando-se o que corresponde à variável dependente, seis extralinguísticos e cinco linguísticos, *cf.* quadros 2 e 3 respectivamente.

2.1.2.1 Variáveis extralinguísticas

No quadro 2 estão distribuídos os fatores sociais e geográficos, acompanhados da codificação dos informantes e de exemplos a eles correspondentes.

Grupo de fatores	Fatores	Códigos	Exemplos
Idade	18 – 30 50 - 65	M146PC ⁴	Trabalhar [traba'lah]
Sexo	Feminino Masculino	H132PI	Grelha ['gɾɛɫɐ]
Escolaridade	Ensino fundamental (capitais e não capitais) Ensino Superior (capitais)	H235PI	É uma espiga de milho ['miɫu]
Localidades	Almeirim, Altamira, Belém, Bragança, Jacareacanga, Marabá, Soure, Macapá e Oiapoque	H237PI	Doizólhos. [doj'zɔɫu]
Estados	Amapá e Pará	M138AC	orelha [o'ɾɛɫɐ]
Interior x capital	Capital e não capital	M231PI	Zanoio [zã'noju]

Quadro 2 – Grupos de fatores extralinguísticos

⁴ Codificações adotadas: Feminino (M) / masculino (H), 18-30anos (1)/ 50-65 anos (2), Fundamental (3)/ Superior (4), Altamira (5); Almeirim (2); Belém (6); Bragança (7); Jacareacanga (1); Marabá (9); Soure (0); Macapá (8); Oiapoque (3), Amapá (A) / Pará(P); Interior (I) /Capital(C).

2.1.2.2 Variáveis linguísticas

Os fatores linguísticos foram sendo estabelecidos durante a triagem dos questionários e a transcrição fonética dos dados. Esclarecemos que, antes de submetermos os dados à análise estatística, havíamos selecionado para o grupo de fatores *segmento fonético subsequente*, além do fator *vogal baixa*, também os fatores *vogais altas e médias anteriores e posteriores*; *a nasal baixa*; *as médias nasais anteriores e posteriores* e o fator *ditongo*. Entretanto, considerando a ausência de dados com esses fatores fonéticos, foi necessário amalgamar todas as médias (anterior e posterior) no mesmo subfator **vogais médias**. Os fatores *vogais nasais: baixa e média anterior nasal* também foram amalgamadas no subfator **vogais nasais**. O fator *vogal alta anterior*, o fator *ditongo*, com apenas sete ocorrências, e o fator *vogal alta posterior* foram excluídas da análise.

Assim, o grupo dois – *segmento fonético subsequente* – passou a se compor de apenas três fatores, conforme demonstrado no quadro 3. No grupo cinco (classe gramatical da palavra) não houve no *corpus* nenhum dado para o fator *advérbio*, e apenas seis ocorrências de *lhe* para o fator *pronomes*, por isso os dois fatores foram desconsiderados na análise.

Grupo de Fatores	Fatores	Códigos	Exemplo
Segmento fonético antecedente	Baixa central	PAAPSV ⁵	Trabalhar [traba ^l 'lah]
	Alta ant. fechada	PIqNRU	espiga de milho ['mi ^l u]
	Alta post. fechada	PUqNS	Barulho [ba ^l 'ru ^l u]
	Média ant. aberta	PEANRU	Grelha ['grɛ ^l ɛ]
	Média post. aberta	POqNRU	Doizólhos ['zɔ ^l u]
	Média ant. fechada	PeANSU	Orelha [o ^l 'rɛ ^l ɛ]
	Média post. fechada	PoqNRU	Um olho [ũ ^l o ^l u]
Segmento fonético subsequente	Vogal baixa	PAANSU	Medalha [mɛ ^l 'da ^l ɛ]
	Vogais médias	PUEPRU	mulhé [mu ^l 'lé]
	Vogais nasais	PONMTV	trabalhando [traba ^l 'lãdũ]
Tonicidade da sílaba	Átona postônica	PeANSU	abelha? [a ^l 'bɛ ^l ɛ]
	Tônica oxítone	PoEPRU	Colhé, né? [ko ^l 'lé]
	Tônica paroxítone	POAQSV	... ter olhado [ɔ ^l 'ladũ]
Estrutura silábica da palavra	Dissílaba	PEANRU	Grelha ['grɛ ^l ɛ]
	Trissílaba	PAqNSU	Orvalho [ɔfi ^l 'va ^l u]
	Polissílaba	PAOQTU	Cambalhota [kãba ^l 'kɔtɛ]
Classe gramatical da palavra	Substantivo	PeqNSU	Joelho [ʒu ^l 'ɛ ^l u]
	Verbo	PAAPSV	Trabalhar [traba ^l 'lah]
	Adjetivo	PEAQSX	Velhaco [vɛ ^l 'lakũ]

Quadro 3 – Grupos de fatores linguísticos

⁵ Codificação das variantes linguísticas: lateral palatal (P); os demais símbolos destacados em **negrito** correspondem à codificação de cada fator linguístico estabelecido no arquivo de especificação.

Primeiramente realizamos uma análise ternária.⁶ Para esta rodada, amalgamamos a palatal seguida de semivogal [ʎⁱ] com a lateral palatal [ʎ] e, procedemos à análise das variantes [ʎ], [j] e [ø]. Entretanto, a análise ternária gerou 15 *nocantes*,⁷ de maneira que o arquivo de células não pôde ser usado para obter pesos relativos. O resultado dessa análise foi utilizado apenas para a obtenção da frequência das variantes por localidades.

Diante disso, procedemos à análise binária.⁸ No arquivo de condições, mantivemos a amalgamação da lateral seguida de semivogal [ʎⁱ] com a lateral palatal [ʎ], cuja junção representa 97% dos dados; amalgamamos a semivocalizada [j] com a variante zero [ø], a primeira com 2% e a segunda com 1% dos dados.

3 Apresentação e discussão dos resultados

3.1 Frequência das variantes em geral

Conforme já relatamos, para a quantificação da frequência, considerando a baixa produtividade de [ʎⁱ] e a observação de seu comportamento como lateral palatal – apenas modificada pela intercalação de um [j] de articulação débil –, preferimos codificá-la como lateral palatal, todas as vezes que ocorreu.

Dos 915 dados analisados, obtivemos como frequência da variável <ʎ> o seguinte resultado: 97% correspondem à palatal [ʎ], 2% à iotização ou semivocalizada [j] e 1% ao zero fonético [ø].

⁶ A análise ternária é realizada com três variantes dependentes em que a aplicação da regra é feita para todas as realizações, para fins de análise computacional (GUY; ZILLES, 2007).

⁷ Um *nocante*, na terminologia da análise do VARBRUL, é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% a 100% para um dos valores da variável dependente (GUY; ZILLES, 2007, p. 158).

⁸ Uma análise binária consiste em tratar a variável dependente em termos das probabilidades e percentuais de acontecimento de determinada alternativa, oposta à ausência dessa alternativa. Tal ausência pode incluir uma alternativa, ou várias, mas no caso de várias, uma análise binária trata todas elas num só conjunto (GUY; ZILLES, 2007).

Verificamos pelos índices que é praticamente categórica a ocorrência da lateral palatal nas localidades pesquisadas, o que não justificaria uma análise variacionista. As variantes [j] e [ø] podem ser observadas pontualmente. Mas, por comodidade estatística, procedemos à análise probabilística, cujos resultados apresentamos em quatro tabelas.

O mapa dos estados do Amapá e do Pará, apresentado em seguida, demonstra a distribuição da variável <λ> nas 9 (nove) cidades pesquisadas.⁹

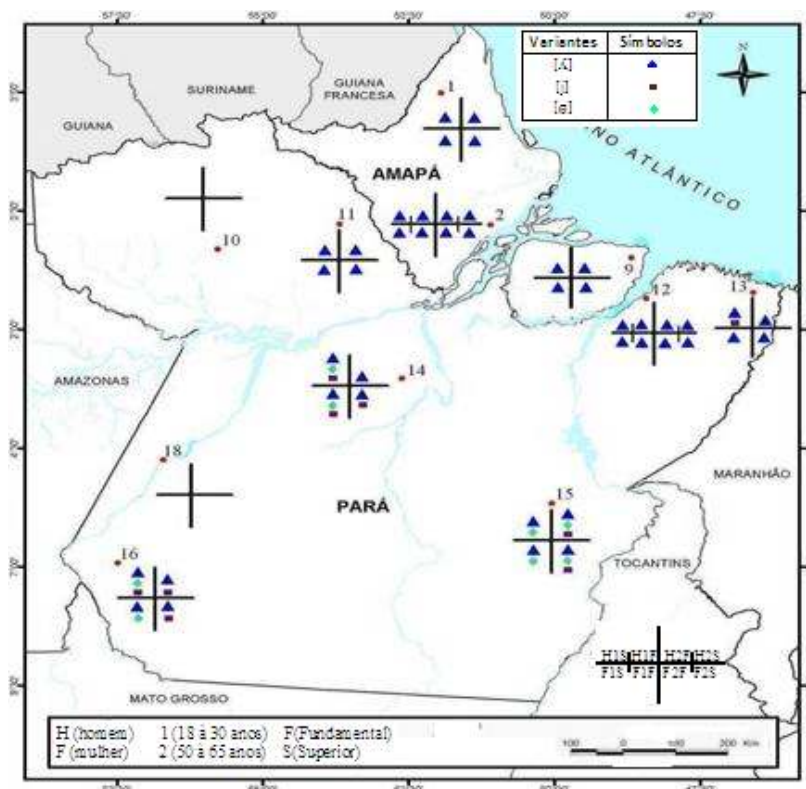


Figura 1 – A palatal /λ/ nos estados do Amapá e do Pará

⁹ Legenda cruz: em cima da cruz, à esquerda: H1S/H1F, à direita: H2F/H2S; embaixo da cruz, à esquerda: F1S/F1F, à direita: F2F/F2S.

Com base nos dados e nos resultados quantitativos obtidos, podemos afirmar, em relação à realização variável da lateral palatal, que a variante [ʎ] é preferida em todas as cidades em estudo.

No estado do Amapá, as duas cidades, Oiapoque e Macapá, registram 100% de ocorrências da referida variável. No estado do Pará, excetuando-se Altamira, Marabá, Jacareacanga e Bragança, cidades que, além da variante [ʎ] mais frequente, registram as variantes [j] e [ø] com baixa ocorrência, as demais cidades – Belém, Soure e Almeirim – também registram 100% e Bragança 99% de frequência da variante [ʎ].

A seguir, apresentamos os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados em termos de significância pelo VARBRUL.

3.2 Análise dos grupos de fatores estatisticamente significativos

3.2.1 Segmento fonético antecedente

Segmento fonético antecedente	[ʎ]	
	Total de dados	Peso Relativo
Baixa central [a, ɐ]	188/194	.62
Alta Ant. Fech. [i]	128/135	.45
Alta Post. Fech. [u]	121/1 25	.37
Média Ant. Aberta [ɛ]	89/100	.21
Média Post. Aberta [ɔ]	55/ 57	.44
Média Ant. Fech. [e]	158/160	.82
Média Post. Fech. [o]	138/144	.35
Total Geral	877/915	xxxxxxx

Tabela 1 – Desempenho do fator segmento fonético antecedente

Este grupo apresenta dois fatores que atuam positivamente na realização de [ʎ], demonstrando sua relevância nesta análise. Considerando os resultados expostos na tabela 1, observamos a tendência ao favorecimento de [ʎ] relacionado às vogais: média anterior fechada (.82) e baixa central (.62). Os demais segmentos antecedentes – vogais: alta anterior fechada e média posterior aberta – ficaram abaixo

da neutralidade (.45) e (.44) respectivamente. As vogais alta posterior fechada, média anterior aberta e média posterior fechada também desfavorecem o uso de [ʎ], com pesos relativos (PR) (.37), (.21) e (.35), respectivamente.

Dos índices que apontam o favorecimento da variante [ʎ], a vogal média anterior fechada apresenta o maior (PR), o que demonstra a sua relevância na preferência de [ʎ] em nosso estudo.

Para efeito comparativo entre nossos resultados com os apresentados no trabalho de Nunes (2006), que também investigou a variação da lateral palatal /ʎ/ em quatro cidades da Mesorregião do Sudeste Paraense, observamos que o fator *vogal média fechada* aparece com peso relativo **.52**, favorecendo a variante [ʎ]. Já a *vogal baixa central* desfavorece a referida variante (.38) no estudo da autora. Em nosso estudo, a vogal baixa central demonstra resultado significativo para a manutenção da referida variante. Com relação às vogais altas e médias posteriores e anteriores, que se mostram desfavoráveis à realização de [ʎ] em nosso estudo, nos dados de Nunes (2006), esses fatores são favoráveis à concretização dessa variante, excetuando-se a média anterior aberta (.45). Portanto, o comportamento geral dos diferentes segmentos quanto ao favorecimento ou desfavorecimento de [ʎ] são diferentes nos resultados confrontados.

3.2.2 Segmento fonético subsequente

Segmento fonético antecedente	[ʎ]	
	Total de dados	Peso Relativo
Vogal baixa [a, ɐ]	384/410	.30
Vogais médias [ɛ, o, ɛ, ɔ]	450/461	.69
Vogais nasais [ã, ẽ]	17/ 18	.25
Total Geral	851/889	xxxxxxxx

Tabela 2 – Desempenho do segmento fonético subsequente

Analisando os dados do tabela 2, verificamos que a ocorrência de [ʎ] é favorecida pelas vogais médias anteriores e posteriores (.69). Neste grupo (resultante de amálgama já explicitada), a vogal média posterior fechada apresenta maior produtividade em relação às demais. A vogal oral baixa, as vogais nasais baixa e média atuam de forma desfavorável (.30) e (.25), respectivamente. Nos dados analisados por Nunes (2006), as médias posteriores também atuaram de forma positiva à ocorrência da variante em estudo (.68), enquanto as médias anteriores se mostraram com atuação desfavorável.

3.2.3 Faixa etária

Idade	[ʎ]	
	Total de dados	Peso Rel.
18 - 30 anos	394/420	.36
50 – 65 anos	483/495	.62
Total Geral	877/915	xxxxxxx

Tabela 3 – Desempenho da faixa etária

A faixa etária foi o segundo grupo de fatores sociais selecionado pelo programa VARBRUL como favorecedora da realização de [ʎ]. Neste grupo, verifica-se que a segunda idade (50–65 anos) atua positivamente à realização de [ʎ], peso relativo **.62**. A primeira faixa etária tem atuação baixa (.36), contrariando alguns resultados, como o de Nunes (2006), em que os falante da faixa etária mais jovem atuam positivamente à concretização da variante em estudo. O trabalho de Soares (2002) demonstra, também, que os falantes da faixa etária mais jovem atuam como mais favoráveis à conservação de [ʎ] – variante de maior ocorrência na amostra analisada pela autora. O estudo de Madureira (1987), em que a autora investigou as condições da vocalização da lateral palatal no português de Belo Horizonte, confirma a tendência, entre os mais jovens, principalmente pela classe feminina, à realização da variante [ʎ].

Com efeito, considerando-se as tendências evidenciadas em outros estudos, os resultados observados em nossa amostra surpreendem, visto que a faixa etária mais alta mostra-se mais conservadora em relação à realização de [ʎ]. A tendência que se verifica nos resultados não pode ser relacionada à escolaridade, porque, dos 44 informantes, apenas oito (quatro em cada capital) possuem grau superior completo. O grupo de fator escolaridade não foi selecionado pelo programa VARBRUL como relevante ao favorecimento da palatal [ʎ].

3.2.4 Localidade

Cidades	[ʎ]	
	Total de dados	Peso Relativo
Altamira	99/111	.16
Marabá	86/ 97	.15
Bragança	89/ 90	.71
Jacareacanga	105/113	.24
Soure	76/ 77	.68
Almeirim	74/ 75	.71
Belém	166/168	.67
Macapá	121/122	.72
Oiapoque	61/ 62	.64
Total Geral	877/915	XXXXXXXXXX

Tabela 4 – Desempenho do fator Localidade

O desempenho deste grupo de fatores mostrou-se muito significativo para a realização da variante [ʎ]. Observando-se os pesos relativos referentes às nove cidades pesquisadas, os resultados indicam que seis delas apresentam maior favorecimento à ocorrência da variante em estudo. Considerando os índice de peso relativo das cidades/localidades Macapá (**.72**), Bragança (**.71**), Almeirim (**.71**), Soure (**.68**), Belém (**.67**) e Oiapoque (**.64**), verificamos que essas seis cidades demonstram um emprego bastante expressivo da variante [ʎ]. Apenas

três cidades no estado do Pará mostraram dados com pesos relativos baixos: Jacareacanga (.24), Altamira (.16) e Marabá (.15), confirmando a variação de <Λ> distribuída no mapa ilustrativo. Os baixos índices demonstrados nessas três cidades podem ser justificados pelo fato de ocorrerem, nessas cidades, ao lado da variante em estudo, outros tipos de variantes, tais como a iotizada ou semivocalizada [j] e o zero fonético [∅], respectivamente.

Ressaltamos que, embora essas outras variantes demonstrem pouca produtividade, em Altamira e Jacareacanga, por exemplo, a semivocalizada [j] constituiu a segunda variante para <Λ>. Essa variante foi ausente apenas na fala do informante da segunda faixa etária em Altamira, e na fala da informante da primeira faixa etária em Jacareacanga. Em Marabá, zero fonético [∅] constituiu a segunda variante para a referida variável; sendo registrado na fala dos quatro informantes dessa cidade.

Estudos realizados a partir dos Atlas lingüísticos e outros de natureza variacionista mostram que os espaços territoriais são condicionadores de determinadas variantes e, portanto, influenciadores da heterogeneidade dialetal. Neste estudo, em que pretendíamos também averiguar a relação cidades interioranas e capitais, ou seja, a relação capital/não capital quanto à realização da variável <Λ>, verifica-se que os índices percentuais para a aplicação da regra para [Λ] é bastante elevado, em todas as cidades, quase categórico. Mas o peso relativo de cada cidade demonstra diferença entre elas. No estado do Amapá, Macapá e Oiapoque (capital/não capital) registram pesos relativos favoráveis a [Λ] – (.72), (.64) respectivamente. Geograficamente, essas cidades ficam distantes uma da outra, o que nos leva a supor não haver influência lingüística entre os falantes em função da localização das duas cidades.

No estado do Pará, em que a pesquisa arrolou seis cidades interioranas e mais a capital, os índices de peso relativo indicaram, entre três das cidades interioranas e a capital (Belém) maior favorecimento à realização de [Λ] enquanto nas outras três – Altamira, Jacareacanga e Marabá –, os pesos relativos são baixos, conforme demonstrado na tabela 4.

Ressaltamos que essas sete localidades pesquisadas estão distribuídas em seis mesorregiões. As três cidades que apresentaram

variantes concorrentes da palatal [ʎ] e baixos índices de favorecimento a essa variante, Altamira e Jacareacanga, localizam-se na mesma região, Mesorregião do Sudoeste Paraense, e Marabá localiza-se na Mesorregião do Sudeste Paraense.

É de nosso conhecimento que essas três cidades apresentam população composta por pessoas oriundas de várias regiões do país, de modo particular, da região nordeste, o que poderia influenciar o uso das variantes [j] e [ø] que marcam os falares nordestinos, como mostra o estudo de Brandão (2006). Nesta pesquisa, essas duas variantes ocorrem em número muito baixo nessas três cidades.

Do ponto de vista geográfico, todas as cidades pesquisadas estão distantes da capital, o que poderia dificultar alguma influência linguística entre essas cidades e a capital, Belém, que se localiza na Mesorregião Metropolitana de Belém; Bragança localiza-se na Mesorregião do Nordeste Paraense; Soure na Mesorregião do Marajó e Almeirim localiza-se na Mesorregião do Baixo Amazonas.

Verifica-se, portanto, que todas as cidades pesquisadas são distantes umas das outras, e da capital. As mais próximas, do ponto de vista de uma linha reta, são: Belém, Bragança e Soure. O acesso entre elas facilita o contato linguístico diário. Entre Soure e Belém, a mobilização mais comum se dá pelo transporte marítimo via barco e balsa, que ocorre diariamente entre as duas cidades. Soure é uma cidade muito visitada por turistas, mas a presença migratória é baixa na cidade. Almeirim também é uma cidade geograficamente distante da capital Belém.

Assim, verificando os resultados e a localização geográfica de cada cidade, em cada estado, podemos inferir que, em nosso estudo, a distância entre as localidades não é fator relevante, visto que os 44 informantes escolheram a variante [ʎ] para uso.

Considerações finais

A análise da realização variável do fonema lateral palatal /ʎ/ nos estados do Amapá e do Pará atesta uma presença quase categórica da variante palatal. Do ponto de vista estatístico, dos onze grupos de fatores analisados, os mais relevantes para a presença da variante lateral palatal [ʎ] são os linguísticos: segmento fonético antecedente e segmento fonético subsequente, e os sociais: idade e localidade.

No entanto, a baixa ocorrência da variante iotizada [j] e do zero fonético [Ø] pode ser interpretada como um resíduo de diferenças maiores de um passado relativamente recente se observarmos os resultados dos Atlas linguísticos regionais publicados que registraram ocorrências maiores das variantes da palatal /ʎ/.

Nos estados do Amapá e do Pará, as frequências baixas da variante iotizada e do zero fonético apontam que essas duas variantes estão em um processo de extinção, pelo avanço da urbanização considerável que as regiões do sul do Pará conheceram nas últimas décadas e pelo peso de uma escolarização crescente acompanhada por uma consciência cada vez mais desfavorável ao uso de variantes desprestigiadas.

Resta verificar, numa comparação futura, com outros dados do projeto ALiB, se essa hipótese de mudança em curso em favor da lateral palatal é uma tendência geograficamente limitada ou se esse processo está de fato acontecendo em outros estados brasileiros.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org). *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Edel, 1998.

_____. O fonema [ʎ]: realizações fonéticas. Descrição e sua comprovação na fala popular paranaense. ENCONTRO NACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA, 3., 1988. *Anais...* João Pessoa, UFPB, 1988.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. As variantes de natureza palatal no português do Brasil: descrição e transcrições. In: MOTA, Jacira A.; CARDOSO, Suzana Alice M. (Orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 147-156.

_____. A despalatalização e conseqüente iotização no falar de Fortaleza. JORNADA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO GELNE, 14., 1996. *Anais...* Natal: UFRN, 1996.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. Sobre a lateral palatal no português do Brasil. In: ASSIS, Rosa (Org). *Estudo da língua portuguesa (e de todas as línguas que fazem a nossa)*. Belém: UNAMA, 2006. p. 63-86. (Coleção Linguagens: estudos interdisciplinares e multiculturais, v. 6).

CARUSO, Pedro. A iotização de lh segundo o Atlas Prévio dos Falares Baianos. *Alfa*, São Paulo, n. 27, p. 47-52, 1983.

CAMARA JR., Joaquim Matoso. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa Instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. (Trad. Bangno, Scherre, Cardoso). São Paulo: Parábola, 2008.

MADUREIRA, Evelyne J. A. M. do E. *Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no português*. 1987. 107f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MOTA, Jacira A.; CARDOSO, Suzana Alice M. (Orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006.

NUNES, Karlene F. *Variações do fonema palatal /ʎ/ no falar de 4 cidades do Sudeste do Pará*. 2006. 177f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL – ALIB. Disponível em: <http://www.alib.ufba.br/index.asp>.

RAZKY, Abdelhak (Org.). *Estudos geo-sociolingüísticos no estado do Pará*. Belém: Gráfica, 2003.

_____. *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará*: Alispa 1. Belém, 2004. 1 CD-Rom.

SOARES, Eliane P. Machado. *Variações dos fonemas palatais lateral e nasal no falar de Marabá-PA*. 2002. 95f. Dissertação de (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém.

_____. *As palatais lateral e nasal no falar paraense*. uma análise variacionista e fonológica. 2008. 208f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Fortaleza, Belém.